

O SUJEITO POSPOSTO: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA

CESAR TRINDADE DE OLIVEIRA¹; PAULA FERNANDA EICK CARDOSO ²

¹Universidade Federal de Pelotas – cesaroliveira303@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – paulaeick@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a ordem Sujeito-Verbo da língua portuguesa permite, com facilidade, que o falante realize a flexão verbal de maneira correta de acordo com o elemento que o antecede. Contudo, quando a ordem de tais constituintes é alterada, a ordem Verbo-Sujeito constitui-se como elemento que dificulta a produção do indivíduo, resultando essa inversão no interessante fenômeno em que a concordância verbal não se dá de acordo com a predileção da gramática tradicional, resultado da posposição do sujeito.

O presente trabalho é fruto de estudos realizados com a finalidade de identificar fenômenos sintáticos presentes nas redações do *Banco de Textos constituído por redações do vestibular da Ufpel*. Presume-se que as redações realizadas para o referido certame sejam produzidas com uso monitorado de linguagem, uma vez que a linguagem empregada também constitui elemento a ser avaliado, razão pela qual espera-se que a análise encontre a forma mais adequada aos preceitos tradicionais da gramática normativa, ainda que presente a regra gramatical que constitui o uso real do indivíduo na sua comunidade linguística.

A relevância dessa investigação pode ser percebida na possibilidade de descrição e tentativa de explicação do conhecimento de linguagem adquirido pelos candidatos ao vestibular ao longo de sua vida pessoal e acadêmica. Assim, a universidade poderá futuramente apresentar à comunidade escolar características da gramática interna das pessoas que concluem o ensino médio, bem como as divergências existentes entre as regras dessa gramática e aquelas preceituadas pela gramática tradicional e, sobretudo, a universidade poderá prover os professores do ensino fundamental e médio de fundamentação teórica que lhes permita compreender tais fenômenos linguísticos.

A partir da análise do banco de textos, o presente trabalho se propõe a expor a dificuldade com que a construção da estrutura frasal na ordem Verbo-Sujeito é realizada, uma vez que o tempo de policiamento gramatical imposto pela vida escolar seja sobreposto pela real utilização da linguagem, sendo a gramática internalizada pelo falante aquela que o conduz no momento da produção textual, mesmo que ela seja realizada no ambiente de uso monitorado da linguagem.

2. METODOLOGIA

A partir da leitura de redações de vestibular da Ufpel, as quais constituem o *Banco de Textos constituído por redações do vestibular da Ufpel*, selecionaram-se construções que apresentassem a anteposição verbal em relação ao sujeito, a fim de realizar a análise da estrutura produzida pelos candidatos no ambiente de escrita com uso de linguagem monitorada. Relacionando tais estruturas com a predileção da gramática tradicional, verificaram-se os casos em que a estratégia do usuário da língua finda na flexão indevida do verbo, construindo-se as conclusões do trabalho a partir do encontro de tais resultados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No trabalho com as redações do projeto de pesquisa “Banco de textos constituído por redações do vestibular da UFPel”, percebemos um fenômeno muito interessante: a ausência de concordância em certos casos de sujeito posposto. Em outras palavras, quando o sujeito aparece depois do predicado, os candidatos tendem a não flexionar devidamente o verbo ou o predicativo. Observemos os exemplos abaixo

(1) (a) “...E de uma brincadeira vista como inofensiva surge problemas sérios de convivência...”

(b) “... é preciso ser resgatado a visão de que a escola ainda é o melhor lugar para se moldar a educação do homem...”

Na frase (1a), o sujeito do verbo “surge” é o constituinte “problemas sérios de convivência”; e, na frase (1b), o sujeito do predicado “é preciso ser resgatado” é “a visão de que a escola ainda é o melhor lugar para se moldar a educação do homem”. Essas frases violam as regras preceituadas pela Gramática Tradicional no que diz respeito à concordância verbal e à concordância nominal.

De acordo com a tradição gramatical, o verbo “surge” deveria aparecer no plural (“surgem”) e o núcleo do predicado nominal – o predicativo do sujeito “resgatado” – deveria concordar em gênero e número com o núcleo do sujeito – função desempenhada pelo substantivo “visão” – assumindo a forma “resgatada”.

Poderíamos supor que a violação das regras preceituadas pela Gramática Tradicional sobre a concordância resultaria da posposição do sujeito ao predicado. Entretanto, em uma análise preliminar das redações, encontramos casos em que o candidato estabelece a concordância do verbo com um constituinte que seria, de acordo com a Gramática Tradicional, o seu complemento e não o sujeito.

(2) “... deveriam haver harmonia e interação entre os alunos...”.

A frase acima exemplifica os casos designados pela Gramática Tradicional como oração sem sujeito. Nesse exemplo, “harmonia e interação entre os alunos” desempenha a função sintática de complemento da locução verbal “deveriam haver” e exatamente por esse motivo o verbo auxiliar deveria permanecer na terceira pessoa do singular (“deveria haver”), mas não é isso o que acontece. O cotejo das frases mencionadas em (1) com aquela citada em (2) leva-nos a concluir que a posposição do sujeito ao predicado não é capaz de explicar a ausência de concordância verificada nos exemplos citados acima. Deve haver outro fenômeno lingüístico associado à ordenação do sujeito.

Segundo Menuzzi (2003), embora a língua portuguesa, incluindo sua variante brasileira, seja considerada uma língua cuja ordem de palavras mais comum é a ordem Sujeito-Verbo, é bem sabido que a ordem inversa Verbo-Sujeito também é possível em diversos contextos (como, por exemplo, em “Chegaram os livros”). Entretanto, a ordem Verbo-Sujeito parece ter uma frequência bem mais baixa no português brasileiro se comparada à sua frequência no português europeu ou mesmo na variante culta brasileira. Essa diferença poderia ser explicada pelo fato de o português brasileiro estar se tornando uma “língua de sujeito obrigatório”, deixando de ser uma “língua de sujeito nulo”, o que o afastaria do português europeu e das demais línguas românicas.

Pesquisas têm revelado que o português europeu permitiria a posposição do sujeito com qualquer tipo de verbo (intransitivos, transitivos diretos e indiretos etc.), enquanto o português brasileiro aceitaria naturalmente a ordem Verbo-Sujeito somente com verbos intransitivos, impondo restrições no caso dos demais verbos. A posposição seria possível com qualquer verbo intransitivo porque, na ausência de um objeto, o “sujeito” poderia ser analisado como objeto do verbo. Ainda assim,

esta possibilidade estaria sujeita a uma restrição adicional de “indefinitude”: só “sujeitos” indefinidos poderiam ser pospostos, como podemos observar no contraste abaixo.

- (3) (a) Chegou um cara estranho na festa.
(b) * Chegou o cara estranho na festa.

Alguns linguistas sugerem que a restrição de definitude aponta para uma outra restrição: a ordem VS só seria possível com os chamados verbos inacusativos. A título de exemplo, observemos as frases abaixo.

- (4) (a) Chegou um cara estranho na festa.
(b) * Tossiu um cara bem no meio do filme.

Há verbos intransitivos nas frases (4a) e (4b), entretanto apenas a primeira é gramatical em português brasileiro. Isso acontece porque “chegar” é inacusativo, assim como “parecer”, “existir”, “aparecer”, “surgir”, “cair”, “morrer” etc. Esses verbos compartilham uma importante propriedade: o elemento que desempenha a função de sujeito desses verbos tem características de complemento verbal, dentre as quais a de não ser interpretado como agente. O verbo “tossir”, por outro lado, não é inacusativo, pois o elemento na função de sujeito é interpretado como agente.

Mioto (2013) defende que o elemento que parece desempenhar a função de sujeito dos verbos inacusativos não apenas tem características de complemento verbal, como é o próprio complemento desses verbos. Mioto lembra que os verbos costumam impor pesadas restrições aos elementos que desempenham a função sintática de sujeito. A título de exemplo, observemos as frases abaixo.

- (5) (a) O cachorro parece gostar do patrão.
(b) A pedra parece pairar no vazio.
(c) A felicidade parece ter acabado.
(d) Parece chover na ilha.
- (6) (a) ?? O cachorro deseja gostar do patrão.
(b) * A pedra deseja pairar no vazio.
(c) * A felicidade deseja acabar.
(d) * Deseja chover.

As duas séries de exemplos são montadas numa escala decrescente que vai de um sujeito animado não-humano “o cachorro” até uma oração sem sujeito, passando por um sujeito concreto não-animado e por um abstrato. As frases em (6) nos permitem observar que o verbo “desejar” reage a todos os sujeitos, isto é, ele impõe pesadas restrições a esses elementos, os quais são de fato “sujeito” do verbo “desejar”.

Por outro lado, observamos em (5) que o verbo “parecer” não reage ao tipo de sujeito que tem. Se nenhuma incompatibilidade se verifica entre verbo e o sujeito, somos levados a desconfiar, segundo Mioto (2013), que os constituintes “o cachorro”, “a pedra”, “a felicidade” e “Ø” não são de fato o sujeito de “parecer”. A desconfiança é comprovada se observamos a seguinte frase.

- (7) *A pedra parece doente

Agora, a frase é agramatical, mas a incompatibilidade não pode decorrer de uma restrição que “parecer” imponha ao sujeito “a pedra”. Esse não pode ser o caso porque o constituinte “a pedra” já apareceu como sujeito de “parecer” em (5b). Na verdade, a incompatibilidade se verifica entre “a pedra” e “(ser) doente”.

Como já foi mencionado, “parecer” claramente não tem sujeito. O elemento que aparece na posição de sujeito é, de fato, complemento do verbo, mas esse elemento precisa ser movido para a posição de sujeito porque o verbo “parecer”, como todos os outros inacusativos, é incapaz de atribuir caso acusativo a seu complemento, fazendo-o alçar para a posição de sujeito com o intuito de receber

caso nominativo. Isso significa que “problemas sérios de convivência” na frase (1a) não seria, na realidade, o sujeito de “surge”, mas sim o complemento verbal.

Menuzzi (2003) assume que uma evidência circunstancial para essa linha de análise poderia vir da tendência atual do português brasileiro de evitar a concordância entre verbo e sujeito na ordem Verbo-Sujeito, como, por exemplo, “De repente apareceu três caras estranho” em contraste a “De repente apareceram três caras estranhos”. Exatamente como havíamos identificado nas redações do vestibular (cf. exemplo (1a)).

Resta-nos ainda explicar o que acontece na frase (1b). Vanda Bittencourt (1979) verificou que, com verbos de ligação, a posposição do sujeito pode ser aplicada. Entretanto, assim como em estruturas com intransitivos, os nomes próprios e os pronomes pessoais parecem provocar um efeito pouco natural.

- (8) (a) João está cansado.
(b) ? Está João cansado.

A autora admite também a hipótese de deslocamento do sujeito no caso de o verbo de ligação ser seguido de sintagma nominal, como em (9).

- (9) (a) Todos os moradores deste bairro são pessoas amigas.
(b) São pessoas amigas todos os moradores deste bairro.

Entretanto, não há discussão sobre a ausência de concordância que poderia ser verificada entre o predicativo e o sujeito. Para Mito (2013), o verbo “ser” também é um inacusativo, o que muito provavelmente acabaria por afetar a própria flexão do predicativo. Entretanto, esses casos exigem uma análise ainda mais cuidadosa, o que não poderá ser feito no presente resumo.

4. CONCLUSÕES

Desse modo, pode-se perceber o fenômeno da concordância verbal indevida no que tange ao sujeito posposto, apesar de a linguagem ser desenvolvida no contexto de linguagem monitorada. Mais de uma circunstância pode ser identificada de forma a justificar a sua ocorrência, chamando a atenção o fato de a gramática internalizada do indivíduo que utiliza a linguagem se sobrepor à utilização daquilo que dispõe a Gramática Tradicional para a flexão verbal, ocorrendo a concordância conforme com a estrutura realizada na linguagem oral em que se desenvolva a linguagem do falante.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Vanda O. *A posposição do sujeito em Português*. 1974. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

MENUZZI, S. M. *A ordem verbo-sujeito em PB: abordagens e questões em aberto*. 2003. (Apresentação de Trabalho/Congresso). Disponível em: <<http://www.geocities.ws/smenuzzi/download/ordem_vs_pb_abralin_2003.pdf>>. Acessado em: 13/07/2015.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. *Novo Manual de Sintaxe*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.